

Nise da Silveira, uma andarilha cósmica

Luiz Carlos Mello.

Nise da Silveira, caminhos de uma psiquiatra rebelde. Rio de Janeiro: Edições Automática/Hólos, 2014. 367 pp.

Edson Passetti

Professor no Departamento de Política e no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo, Brasil; coordenador do Nu-Sol e pesquisador principal no Projeto Temático FAPESP Ecopolítica. Contato: passetti@matrix.com.br.

Duas mulheres notáveis viveram na mesma época: Maria Lacerda de Moura e Nise da Silveira. A anarquista enveredou pelas práticas de costumes libertários de modo corajoso, delicado e contundente. A socialista livre do partidarismo promoveu práticas livres, invenções e corajosamente enfrentou burocratas da ciência e do Estado.

Nise transformou a embolorada noção de doença mental em *estados do ser* e redimensionou a terapia ocupacional em *emoção de lidar*. Introduziu animais na relação; explicitou que arte e loucura são relações constitutivas; pensou e praticou a demolição do manicômio e anunciou o que viria a ser o CAPS (Centro de Atenção Psicossocial),

inaugurando, em 1956, a Casa das Palmeiras. Nunca fez nada sozinha, mas sempre em parceria com os internos, os bichos e principalmente seus colaboradores.

Nise e Maria Lacerda, que recebeu uma justa leitura de Miriam Moreira Leite, são apenas duas das admiráveis mulheres do século XX que, como outras tantas incógnitas, reviraram o mundo falocêntrico e produziram homens revoltados mais livres de poderes superiores e inferiores. Nada de eletrochoque, insulino-terapia, lobotomia, mortes suplementares aos estados do ser de internados e, não raras vezes, ali abandonados.

O livro tem prefácio de Marco Lucchesi e apresentação de Luiz Carlos Mello, que anteriormente havia

organizado, para a Ed. Azougue, o volume *Nise da Silveira* incluído na coleção Encontros. Luiz Carlos Mello fala de onde conhece, experimentou, lutou e vive. Evita o tom laudatório das convencionais biografias para situar as lutas de Nise da Silveira e de seus parceiros. Em especial, para o leitor, Luiz Carlos Mello produz comentários vivos e apaixonados que permitem novas conclusões, pistas para pesquisas e para sair da conduta moderada tão em voga nestes tempos.

Em outra ocasião situei Nise como uma vida artística; ela se transforma em sua jornada, revira-se, provoca práticas cada vez mais livres, produz uma estética da existência. Sua vida é também uma obra de arte.

Nise é intransigente, enfrenta as políticas de saúde e taticamente se cercou e atraiu pessoas iracundas capazes de lhe dar suportes políticos e aos seus parceiros bichos e loucos. E contou com bichos e loucos para demolir os pequenos poderes da burocracia asilar.

É possível ser louco e artista, como afirmou Mario Pedrosa; é possível a qualquer um ser artista, como após a II Guerra deflagrou o artista alemão Joseph Beuys; é possível uma vida como obra de arte, como a de Nise, como sugerem

as análises ético-estéticas de Michel Foucault.

Ao lidar com loucos, é preciso um ambiente propício, coisa que a ciência, sempre lerda, não consegue proporcionar. Um espaço livre de leis e normas abstratas e abusivas, feito por pessoas; espaço possível para inventar teatro, rever mitologias, agregá-las às sugestões de Jung, deixar a loucura escapar como no teatro de crueldade de Antonin Artaud, magnificamente exposto por Rubens Correa e Ivan Albuquerque no espetáculo *Artaud*, nas imagens estonteantes dos documentários de Leon Hirszman, ou mesmo nas paredes do Museu do Inconsciente.

Em 1956 surgiu a Casa das Palmeiras, procedência inquestionável dos CAPs, mas talvez, hoje, Nise também estaria problematizando esta institucionalização. E de certo não ficaria nada satisfeita com o fato do antigo manicômio ter passado a se chamar Instituto Nise da Silveira, com capacho na entrada ostentando seu nome.

Essa mulher movimentou Grupos de Estudos, o Museu do Inconsciente, a Casa das Palmeiras, revisou-se e revirou-se, livre ou presa arbitrariamente pelo Estado, escreveu a Jung e o encontrou, e teve tempo

para redigir cartas a Spinoza para nos proporcionar novos encontros.

Neste livro conhecemos a irreverente garota que decidiu estudar medicina na Faculdade de Medicina da Bahia e que conheceu a primeira *doente mental*, numa prisão no Recife, condenada por homicídio. Redigiu sua tese, *Ensaio da criminalidade das mulheres no Brasil*, evitando o título categórico comum às teses para situá-la como *ensaio*, esse modo de conhecer sem a arrogância.

Foi para o Rio viver em Santa Tereza, onde conheceu Manuel Bandeira, o casal comunista Laura e Otávio Brandão, fortalecendo sua amizade com Laura, atuando na União Feminina Brasileira, o que lhe valeu a prisão, constatando que as apostilas estalinistas do PC eram ridículas e horrendas para imediatamente ser expulsa do partido acusada pelo surrado pejorativo de época: trotskista. Jamais voltou a pensar em filiar-se a partido algum, mas não deixou de ser socialista, uma mulher de esquerda, como dizia, fora do lugar comum.

Na cadeia, leu Ibsen e Proust. Retornou ao serviço público em 1944 no Centro Psiquiátrico Nacional, no Engenho de Dentro, uma pocilga burocrática por ela desinfetada dos funcionários ubuescos.

Depois dos anos 1970, encheram a Nise de medalhas e títulos honoríficos. Busca-se entupir pessoas como ela de honrarias filantrópicas e estatais para premiar o *passado* e soterrar o *presente*. Onde está Nise na universidade brasileira de hoje? Como se lida com suas práticas nos CAPs? Como demorou em sair uma obra como esta de Luiz Carlos Mello, que propicia inéditas conversações!

Nise se disse religiosa, nos termos de Spinoza, como concepção de Deus, admiração pelo Cristo rebelde, pelo budismo e não pelas instituições religiosas. Ela e Maria Lacerda de Moura não evitaram a existência do sobrenatural.

Nise, em suas palavras, era uma “apaixonada pela unidade, isso eu sou. (...) Jung também é um apaixonado pela unidade. O encontro dele com a física moderna, desprendendo-se da física newtoniana, foi muito importante. Assim como a física quântica não distingue matéria de energia, Jung também não separa matéria e psique. Isso é o que me fascina particularmente em Jung: o que leva os indivíduos, que estão vivendo em outros estados do ser e que se fragmentaram, a tentar restabelecer a unidade própria de cada um. Os pequenos modos

da substância infinita – como diz Spinoza. E esses modos têm o direito de ser eles próprios”(p. 295).

Aos estudiosos e interessados nos *estados do ser*, atentos ao que seja a *emoção de lidar*, aos incomodados apreciadores das artes plásticas, e aos jovens artistas livres do mecenato no mercado neoliberal o livro reserva uma sequência extraordinária de estudos sobre magníficos artistas como Isaac Liberato, Lúcio Noeman, Raphael Domingues, Emygdio de Barros, Fernando Diniz, Adelina Gomes e Carlos Pertuis. E deixa uma pergunta: quando os espaços públicos e privados que governam as artes trarão ao público estas obras para verem-se nos espelhos da vida?

Como situa Luiz Carlos Mello, lá se foi a *andarilha cósmica*, aos 94 anos. Ronald Laing, em passagem pelo Rio de Janeiro, ao visitar o Museu do Inconsciente disse a Nise que não precisava mais ver um hospital psiquiátrico, são todos iguais, mas que *ela*, sim, era e é a diferença.

Eu a conheci em 1991, quando em um encontro na Fundação Cultural São Paulo, da PUC-SP, coordenada por Edgard de Assis Carvalho, e com Renato Ganhito na direção do TUCA, aconteceu uma conversa de onde veio à ideia produzir uma série

em vídeo sobre pessoas notáveis. O primeiro nome que nos veio à mente foi o de Nise. Simplesmente. Fizemos contato e fomos ao seu apartamento da Marquês de Abranches. Ela, matreira e desconfiada, nos sabatinou. Queria saber por que um antropólogo e um politólogo queriam fazer um documentário com ela. Deixou-nos enigmas. Nise não era uma pessoa fácil e disponível a abrir-se para as câmeras, como hoje em dia quase todo intelectual se esforça em ser. Porém, no dia seguinte, sorridente e linda, sentada na cadeira de rodas desde que fraturou o fêmur, nos recebeu na companhia do Luiz Carlos Mello, de seus gatos, que inicialmente circularam desconfiados e em breve tempo se alojaram entre nós e os equipamentos. Passamos boas horas juntos, falando sério e com humor. Ela respondeu a todo o roteiro pré-estabelecido, que abandonamos para deixar a conversa acontecer livremente para ela descer o pau na psiquiatria, falar das acuradas análises de Dostoievski e Machado de Assis, dos seus parceiros internados, bichos e colaboradores. Escancarou que todos nós temos nossos estados do ser; que todos nós podemos usufruir da *emoção de lidar*. O que era para ser uma série com pessoas notáveis,

por falta de verba acabou neste único documentário que doamos ao Museu do Inconsciente.

Nise da Silveira, caminhos de uma psiquiatra rebelde é um bom

encontro com Nise, em um livro belissimamente editado, delicado e contundente elaborado por Luiz Carlos Mello.